



PASTORAL DA CRIANÇA

Para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10)

Gravidez na adolescência como fator de risco para depressão pós-parto

A primeira semana de fevereiro é definida pela Lei 13.798/2019 como a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência. Dados preliminares do Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (Sinac) apontam que, no primeiro semestre de 2024, foram realizados no Brasil 141 mil partos de mulheres entre 10 e 19 anos. Uma década atrás, em 2014, no mesmo período, haviam sido 286 mil. Especialistas atribuem a redução dos partos de adolescentes à melhora no acesso aos serviços de saúde, ao aumento da escolaridade das adolescentes, às melhores expectativas de crescimento profissional e à pandemia.

Apesar da queda ao longo da última década, o número total ainda é alto. O Brasil faz 44 partos de bebês de mães adolescentes por hora, em média (dado de 2023). Mais preocupante é que, desses, dois partos por hora são de mães com idade entre 10 e 14 anos. O ato sexual com menores de 14 anos é crime de estupro de vulnerável no Brasil.

A gravidez na adolescência é um fator de risco para a depressão pós parto, grave condição de saúde para a mãe e que também traz prejuízos à saúde do bebê. Leia na entrevista a seguir orientações sobre como trabalhar na prevenção à gravidez na adolescência e no acolhimento das adolescentes gestantes.

Sobre o tema “Gravidez na adolescência como fator de risco para depressão pós-parto” confira, a seguir, a entrevista da semana, extraída do Programa de rádio Viva a Vida, da Pastoral da Criança.

ENTREVISTA COM: Heloísa da Silva Baggio, psicóloga da Coordenação Nacional da Pastoral da Criança.

Heloísa, quais são as principais causas da gravidez na adolescência?

HELOÍSA:

Bom, a gestação na adolescência possui causas diversas: falta de informações ou informações inadequadas relacionadas à sexualidade; falta de diálogo entre pais e filhos, tratando esse tema com pouca importância, não oportunizando um momento de dúvidas, de aconselhamentos; a gente pode entender também como uma forma de fuga de um ambiente violento dentro de casa e da idealização de que, ao engravidar, os problemas relacionados a isso irão sumir; falta de acesso à educação ou a qualquer expectativa relacionada à vida profissional, que acaba levando a uma ideia de que isso vai acontecer com o preenchimento de uma criança; o abuso de álcool e drogas; a repetição do modelo familiar que está inserido ou também de pessoas próximas; dificuldade de acesso aos serviços de saúde; e a falta de políticas públicas mais efetivas para esse público, em todos os âmbitos, dentre outras diversas possíveis causas para a gravidez na adolescência.

Quais são os riscos da gravidez precoce para a saúde da mãe e do bebê, Heloísa?

HELOÍSA:

Eu vou pontuar alguns riscos sociais e biológicos. Com relação aos riscos biológicos, a gravidez precoce pode aumentar o risco de morte, tanto materna quanto do bebê, também trazer um risco de prematuridade, anemia, maior probabilidade de baixo peso desse bebê ao nascer, problemas no seu desenvolvimento, aborto espontâneo, aumento da pressão arterial da grávida, depressão, que acaba afetando também o bebê, o seu processo de desenvolvimento e do vínculo afetivo.

Quando eu cito a questão dos riscos sociais, é porque na grande maioria das vezes essa gravidez não foi planejada, então, os olhares, as falas, o julgamento para uma mulher adulta que engravida sem planejar já existe, imagina para uma adolescente. Então, os riscos sociais envolvem exclusão, abandono, violência vinda da família ou do genitor ao descobrir essa gravidez, sentimento de culpa envolvendo todo esse processo, questões de autoestima e de autoimagem, estresse, a própria depressão, dentre várias outras questões, que são fatores de risco importantes para essa fase.

Heloísa, como a gravidez precoce pode impactar o futuro da jovem mãe?

HELOÍSA:

As mudanças que irão ocorrer com essa adolescente são inúmeras, desde mudanças físicas, emocionais, perda dos traços infantis, necessidade de assumir uma grande responsabilidade precocemente. É a passagem precoce de uma fase infantil para outra fase, em que uma vida depende dela. Muitas vezes, por não receber todo o apoio necessário, essas adolescentes precisam abdicar dos estudos e isso muda toda a perspectiva do futuro. São inúmeras as mudanças que vão impactar fortemente a sua vida.

Heloísa, qual é o papel da família e da comunidade no apoio à gestante adolescente?

HELOÍSA:

Eu acredito que os principais papéis são a educação e o acolhimento. Na educação temos a prevenção, o diálogo, o acesso a informações corretas e seguras, e uma forma de perspectiva de futuro profissional. E o acolhimento é no olhar mais humano, com afeto e sem julgamentos. Nesse momento, a última coisa que essa adolescente precisa é de alguém culpando e apontando falhas. Infelizmente, ainda vivemos em uma sociedade preconceituosa, precisamos nos abrir para o próximo e buscar compreender mais e julgar menos.

Como toda essa situação que envolve a gestante adolescente pode levar a uma depressão tanto durante a gestação como no pós-parto? Como é possível ajudar essa gestante adolescente?

HELOÍSA:

A romantização desse momento acaba gerando alterações emocionais significativas, como estresse elevado e sintomas de alta ansiedade e de depressão. A depressão durante a gestação é mais comum do que a depressão pós-parto. Quando ocorre a depressão pós-parto, possivelmente essa adolescente já apresentava sintomas durante a gestação. Entre os fatores que contribuem para esse quadro, tanto durante a gestação quanto após o parto, estão: a falta de apoio dos familiares, amigos e do próprio genitor; a quebra da maternidade idealizada para a maternidade real; ter que deixar os estudos e o convívio com amigos; trocar a boneca por um bebê real; deixar as brincadeiras; receber olhares de julgamento; e falas negativas e que desacreditam a adolescente de que ela pode ter o papel de mãe. Por isso, nesse momento é muito importante que a adolescente seja acolhida, amparada e se sinta segura, que seja aconselhado que ela busque realizar o pré-natal. Além disso, quando possível, seja incentivada a continuar com os estudos e suas atividades do dia a dia. Tudo isso para que tenha uma gestação mais tranquila, conseguindo assimilar a situação e podendo se planejar para o pós-parto. Ter uma rede de apoio, com afeto e compreensão, é essencial quando falamos de prevenção a questões relacionadas à saúde mental dessa adolescente.

Heloísa, você gostaria de acrescentar mais alguma orientação sobre esse tema?

HELOÍSA:

Eu acho importante, novamente, reforçar a questão do diálogo, da conversa sobre sexualidade, tanto dos pais com os filhos, como das instituições, da escola. Quero reforçar a importância de abordar essa temática com rodas de conversa, com atividades que possibilitem que esses jovens tragam dúvidas, tragam questionamentos, enfim, uma forma com que o diálogo realmente aconteça. Além também dos serviços de saúde, que eles estejam sempre disponíveis para acolher, para orientar esses adolescentes sobre essas questões que envolvem a sexualidade.

(MENSAGEM) Maria Inês Monteiro de Freitas, Coordenadora Nacional da Pastoral da Criança.

MARIA INÊS:

Esta realidade da gravidez na adolescência é acompanhada muito de perto pelos nossos líderes nas comunidades. Eles visitam essas gestantes, conversam com as famílias, orientam sobre os seus direitos e reforçam a importância do pré-natal e de seguir todas as orientações médicas. A adolescência é uma fase de grandes transformações físicas, psicológicas e sociais, e a maternidade pode exigir que a adolescente assuma grandes responsabilidades e, em muitos casos, tenha até que fazer adaptações na sua vida cotidiana, seja escolar, de trabalho e até no contexto familiar. Tudo isso pode trazer sofrimento e desencadear uma depressão, seja durante a gestação e, principalmente, no pós-parto, o que pode ter repercussões significativas para a mãe e para o bebê. Por isso, a família, os líderes da Pastoral da Criança e toda a comunidade deve acolher, prestar apoio, a essa adolescente para que ela possa ter forças para enfrentar os novos desafios que vão surgindo nessa nova experiência de vida.

(TESTEMUNHO) Cheiza da Conceição Souza Melo, Coordenadora Estadual da Pastoral da Criança, do estado do Acre.

Cheiza, que orientações vocês passam para as famílias sobre a gravidez na adolescência?

CHEIZA:

Bom, é uma situação bem delicada, né? E aí a orientação que a gente passa para os pais é que tenham um acompanhamento mais próximo com essa adolescente, tanto levar ela para fazer o pré-natal direitinho, porque de certa forma é uma gravidez de risco por conta da idade dela, né? Então os pais têm todo esse carinho também, porque também é o momento que ela precisa desse cuidado, desse amor da família, nesse processo que ela está vivenciando. Então, a gente entrega os Laços de Amor, a gente faz a orientação como Pastoral da Criança, mas também pede que a família tenha esse amor e esse cuidado para com ela.

(MENSAGEM) Dom Frei Severino Clasen, Arcebispo de Maringá, Paraná e Presidente do Conselho Diretor da Pastoral da Criança.



DOM FREI SEVERINO:

É preciso ter uma boa orientação sexual. A dimensão sexual é muito importante na vida humana e é preciso entender, seguir e orientar, respeitar os processos. Nada de queimar etapas. Um adolescente ainda não está maduro para gerar um filho. É preciso uma maturidade orgânica, psíquica e espiritual, para que haja esse cuidado. Então, em primeiro lugar, acolher quando isso acontece. Acolher essa vida, sem violência. Não criar traumas moralistas. Depois dar apoio para que a adolescente continue estudando e fazendo pré-natal. Que ela continue tendo uma vida normal, porque ela está na sua fase que precisa viver a sua adolescência. E a família deve acolher, aconselhar, ajudar, mas não ocupar o papel da mãe no cuidado com a criança. E ajudar a prevenir a depressão pós-parto. Aliás, o cuidado é muito intenso.

Saiba mais

[Gravidez na adolescência](#)

[Gravidez na Adolescência – Impacto na vida das famílias e das adolescentes e jovens mulheres](#)